



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, 4 Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
 (BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima (13 de Agosto de 1926)

A prisão dos videntes

FAZ hoje precisamente nove annos que a autoridade administrativa de Villa Nova de Ourem iniciou uma série de medidas violentas e arbitrárias no intuito de pôr termo ás manifestações religiosas de Fátima.

A primeira violencia commetida foi a prisão dos trez humildes videntes effectuada pessoalmente pelo administrador do concelho que, recorrendo a um habil estratagem, se apoderou das pobres creanças, conduzindo-as para a séde do concelho na *charrete* que guiava e conservando-as ali detidas na sua própria residencia, durante alguns dias.

Essa scena, inedita e imprevista, passou-se, com a rapidez fulminante dum relampago, poucos momentos antes da hora das aparições, quando uma multidão de muitos milhares de pessoas já se agglomerava na Cova da Iria, aguardando a chegada dos videntes.

Estes, apesar de submetidos a varios interrogatorios e ameaçados com os castigos mais horribes que se podem imaginar, mantiveram constantemente, com uma firmeza e tranquillidade inaudita, as suas afirmações anteriores, sem se desdizerem, sem cahirem em contradicção e sem revelarem, como pretendia a auctoridade, o segredo intimo que a Virgem Santissima lhes tinha confiado.

Contudo, estas e outras medidas, adoptadas pela autoridade administrativa, longe de conseguirem realizar o seu objectivo, fizeram realçar ainda mais os sucessos maravilhosos da Lourdes portugueza, levando o conhecimento delles até aos recantos mais longinquos de Portugal.

Os scouts catholicos

Como anunciaram os jornaes, o Corpo Nacional de Scouts de Portugal, comemorando a data historica

da batalha de Aljubarrota, resolveu realizar o seu primeiro acampamento nacional no proprio sitio onde foi praticado esse assombroso feito de armas, que firmou a nossa independencia. Simultaneamente, por iniciativa do Venerando Bispo de Leiria, o ex.^{mo} e rev.^{mo} Senhor D. José Alves Correia da Silva, celebraram-se no grandioso e historico templo da Batalha solenissimas homenagens ao Santo Condestavel, Dom Nuno Alvares Pereira, em que prégo o illustre Primaz das Hespanhas e a que assistiram os escoteiros, e inaugurou-se o culto do Beato Nuno de Santa Maria na capela de S. Jorge, a trez kilometros da Batalha, no proprio local onde esteve içada a bandeira das quinas durante a batalha de Aljubarrota.

Todas as regiões do norte do paiz enviaram ao acampamento de S. Jorge delegados dos seus grupos de escoteiros. Um grande numero destes aproveitaram a circumstancia de se encontrarem proximo de Fátima para irem ali em piedosa romagem levar o preito da sua devoção aos pés da augusta Virgem do Rosario. Alguns adquiriram nos locais de venda, situados á beira da estrada, diversos objectos de piedade, terços, cruces, medalhas e outras recordações de Fátima, para oferecerem ás pessoas de suas familias, aos seus amigos e conhecidos. Outros enchiam recipientes com agua da fonte miraculosa ou aguardavam pacientemente a sua vez de tocarem com objectos religiosos na branca estatua da Virgem, exposta á veneração dos fieis na capela das aparições.

Outros finalmente assistiam com edificante devoção ás missas que se celebram nos altares da capela nova, rezando pelos enfermos e decerto tambem pelas pessoas de familia e pelos amigos auzentes.

A multidão engrossa cada vez mais. E' quasi meio dia solar.

A estatua da Virgem é conduzida aos hombros dos escoteiros para a capela nova no meio de aclamações e de canticos.

Tudo se prepara para o acto mais solenne das commemorações deste dia — a missa official, a missa dos doentes.

A missa dos doentes

Cantado o Symbolo dos Apostolos por um côro formado pelos ecclesiasticos presentes — sacerdotes e seminaristas — principia a missa dos enfermos. Ao mesmo tempo, do alto do pulpito collocado numa das estremidades da capella, o dr. Marques dos Santos dá começo á recitação do terço em comum. O silencio torna-se mais profundo. O contacto mysterioso entre a terra e o Ceu é agora mais intimo. Os pobres enfermos ajoelhados aos pés da estatua da Virgem ou deitados em colchões, supplicam a suspirada cura ou algum lenitivo e conforto para os males de que padecem.

E sôbre as suas almas parece realmente descer das mãos de Maria o balsamo da consolação, porque nos seus rostos desenha-se uma serenidade admiravel e brilha uma alegria divina. No momento solemne da elevação toda aquella mole immensa de povo curva a fronte adorando Jesus no seu Sacramento de amôr. E um lindo cantico religioso irrompe de milhares de peitos, numa ardente explosão de Fé, enchendo todos os corações dum encanto suavissimo, dum alegria serena e profunda e dum ternura nova, verdadeiramente celestial. E' agora o momento da Communhão. Ainda algumas pessoas recebem o Pão dos Anjos. Acaba a missa. Segue-se a benção dos enfermos. Extraordinariamente tocante como sempre, esta cerimonia tem o condão de sensibilizar os corações mais duros e indifferentes. Muitos olhos estavam marejados de lagrimas. Cantado o *Tantum ergo*, dá-se a benção com o Santissimo a todo o povo. Instante inolvidavel em que tantos milhares de almas, imersas no mais profundo recolhimento, rendem a homenagem sentida da sua adoração e do seu amôr ao Deus escondido por amôr na santissima e augustissima Eucharistia.

As allocuções

Depois da benção geral sôbe ao pulpito o rev. conego dr. Avelino Gonçalves, inspector-mór do Corpo Nacional de Scouts, que, em breves palavras, falla das glorias de Maria e do sanctuario da sua eleição. Orga-

nisa-se em seguida o cortejo que reconduz, com o cerimonial do costume, a estatua da Virgem para a capella das aparições. O entusiasmo da multidão, que acompanha o cortejo, resando e cantando, attinge as raias do delirio, quando a veneranda imagem é collocada sobre o seu pedestal, erguido no proprio sitio em que estava a azinheira sagrada, de que hoje restam apenas algumas raizes. E' então que, dominado tambem por um grande entusiasmo, o rev. Manuel Dias da Costa, parochó de Cête, profere uma allocução, breve mas eloquente, que commove e arrebatou o auditorio.

E assim terminaram as cerimoniaes religiosas deste dia — dia de gloria para a Virgem, dia de lenitivo e consolação para os doentes, dia de graças e benções para os devotos peregrinos de Fátima.

Visconde de Montello

As curas de Fátima

Entre as muitas dezenas de cartas que temos recebido relatando graças, publicamos hoje, quasi á sorte, as seguintes:

«Fermelã (Estarreja), 3/5, 926.

Rev.^{mo} Sr.

Cumprindo um dever e uma promessa que fiz a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, apresso-me a enviar a V. esta minha carta.

Depois de 14 de fevereiro ultimo senti-me enfraquecer dia a dia. Consultei o médico e ele mandou-me estar de cama um mez, devido á doença que tinha no utero. Em 21 do mesmo mez, fui obrigada a ir para a cama com uma forte hemorragia de sangue, que me acabou de enfraquecer por completo. Passados dois mezes, e quando vi que já não havia medicamento algum que me valesse na minha tão grande aflicção, implorrei a Virgem Santissima que me protegesse com o seu santo auxilio na minha doença que era bastante grave. Pedi-lhe entre lagrimas e soluços que me melhorasse dentro do mez, que iria no mez seguinte á Fátima aos pés da Virgem Nossa Senhora, confessar-me e comungar, mandar-lhe lá dizer uma Missa, dar-lhe 13 velas e um donativo para o seu culto. Pedi-lhe e resei-lhe com tanta devoção que Nossa Senhora se compadeceu de mim e dos que me rodeavam de noite e dia. Passados alguns dias comecei-me a sentir melhor, e passado pouco tempo já me pude levantar, embora com poucas forças, mas muito melhor. Posso dizer que estou boa, apesar de todos me julgarem perdida. A quem devo mais alguns dias de vida é a Nossa Senhora, pois foi Ela quem me melhorou.

Espero que Ela me dê forças suficientes para no dia 13 proximo ir cumprir a minha promessa.

Com toda a consideração, etc.

Zulmira Salgado Freire

Tendo tido meu filho Manuel Len-

cart da Fonseca e Silva aos 6 anos de idade a coqueluche, e tendo a tósse causado nma hernia, tentei todos os meios para o curar, usando fundas, ligas, etc., mas tudo foi em vão. Ao fim de seis anos essa hernia aumentou, e resolvi consultar o médico, que aconselhou uma operação, dizendo ser o unico meio de cura.

Como me custasse muito ver meu filho ser operado, resolvi com ele fazer a promessa á Virgem Nossa Senhora do Rosario de Fátima no dia 13 de outubro de 1923, de ir visitála se ele se curasse sem ser operado. Em poucos mezes meu filho ficou radicalmente curado, e no dia 13 de junho de 1925 fui com ele, meu marido e filhos, á Fátima em cumprimento da minha promessa.

Arminda Lencart da Fonseca e Silva

Sumamente reconhecido a N. Senhora do Rosario da Fátima pelas melhoras e restabelecimento duma pertinaz doença da bexiga e prostata, que attribuo a ter bebido por varias vezes agua milagrosa da Sua fonte da Cova da Iria, vendo-me assim livre daquele grande incomodo sem precisar fazer operações, a qual, na opinião dum dos médicos que me observou, era indispensavel, — venho tornar publica esta grande graça e milagre, que devo a N. Senhora da Fátima, a quem não cesso de dar infinitas graças. Peço a V. Rev.^a o obsequio de fazer publicar no nosso querido jornal a «Voz da Fátima» mais esta cura milagrosa, pois desejo contribuir assim, para espalhar e afervorar a devoção de Nossa Senhora do Rosario da Fatima.

De V. Rev.^a

Mt.^o At.^o Ven.^{or} e Obg.^{mo}

Ignacio M. C. da Silveira Montenegro

Lisboa, 12 11 925.

Largo da Graça, 107 2.^o

Nucleos de Servos e Servas de Maria

Tendo nos sido pedida a aggregação de nucleos de servos e servas de Maria, doutras Dioceses, ás piedosas Associações de Caridade que instituímos nesta Diocese de Leiria com o fim principal de auxiliar os doentes e peregrinos á Fátima, Nós, louvando o zelo de tantas boas almas pela expansão do culto da Virgem Santissima, declaramos o seguinte:

1.^o — Só serão agregados os nucleos que tiverem aprovação dos Ex.^{mos} Prelados respectivos;

2.^o — Cada nucleo acompanha os seus doentinhos prestando-lhes os seus serviços caridosos e sempre desinteressados, mas na Fátima ficam todos debaixo da direcção da pessoa nomeada pelo Prelado de Leiria para dirigir os trabalhos e cerimoniaes;

3.^o — Cada nucleo deve ter um sinal proprio, embora use os mesmos distintivos dos Servitas e Servitas de Fátima;

4.^o — Lembramos aos Rev. cape-

lães e directores dos nucleos: a) que sejam muito escrupulosos na escolha de pessoas, atendendo não á quantidade mas á qualidade; b) á necessidade do estudo de enfermagem prática para melhor poderem prestar os seus serviços d'assistencia aos doentinhos.

Leiria, 8 de Setembro de 1926.

† José, Bispo de Leiria

Abrijo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	4.540:600
Antonio Antunes (Lourenço Marques).	50:000
Soma	4.590:600

Tres Graças

Narrativa duma enfermeira

— E' assim, me diz a enfermeira a quem eu pedia as suas impressões, nós temos ás vezes tarefas bem penosas e trabalhos bem rudes. Quem quer dedicar-se tem muita occasião, coisas muitas vezes custosas mas sempre consoladoras.

Ao lado do sacrificio, a Santissima Virgem collocou a alegria.

Se os olhos vêem com revolta tão tristes e repugnantes miserias do corpo, a alma tem visões tão belas que se pensa que não se paga nunca devidamente o sofrimento de vêr sofrer. Vi eu um dia, na sala onde me esforço em servir com todo o meu coração, a synthese de graças escolhidas com que a doce Mãe se compraz de cumular as dôres cá de baixo.

Tinham nos chegado naquele dia tres grandes doentes, ali deitados em leitos visinhos:

Uma rapariga, duma beleza de encantar, a quem a tuberculose pulmonar, no ultimo grau, ia acabar de matar.

Uma mulher de trinta annos, de rosto vincado pelas atrozes dôres de um tumor interno incuravel.

Uma terceira, cujos olhares de desespero deixavam ver o desalento profundo, o canção de viver e ao mesmo tempo um medo imenso de morrer; revoltada contra Deus, rebelde a todo o pensamento de resignação e recusando-se resar.

As minhas companheiras e eu assistimos a essas tres infelizes com uma infinita piedade, implorando secretamente para cada uma a melhor graça: o ceu? a cura? a resignação?

Não sabiamos, mas, com o coração cheio de esperança, pediamos no entanto á Virgem que nos ouvisse e concedesse ás tres doentes o que nós desejaríamos ás tres: o dom que fosse mais proveitoso ás suas almas, escolhido por Ella.

Na tarde desse primeiro dia a pequena tuberculosa pediu-me que fôsse ao pé della.

Ouvi a sua pobre voz, esgotada, tão baixa que mais parecia um murmuro longinquo.

Cada palavra, que parecia rasgar-lhe a garganta, revelava na sua ex-

pressão dolorosa uma singular energia.

— Senhora, eu queria dizer-lhe um segredo, um grande segredo.

Aproximei-me melhor e enquanto o coração batia com grande emoção, escutava com recolhimento a preciosa confidencia.

— Olhe cá: não lhe parece que é inútil... e perigoso para mim, pedir a minha cura?

Inútil? Perigoso? Eu a olhava com a ternura com que olharia filhos meus em momentos de angústia.

— Inútil e perigoso porquê, minha filhinha?

— Porque a vida é nada e eu tenho medo de não me servir d'ella como devia. Curar, para mim, seria retomar o modo de vida anterior, ir para a fabrica, para o atelier, onde Deus é esquecido e desconhecido.

Se soubesse como eu lá sofri... e que tentações e perigos todos os dias...

Não lhe parece que seria melhor...?

Ella não pronunciou a palavra terrível que estava a saltar dos seus lábios. E' que a juventude, mesmo condemnada, revolta-se ao pensar no grande sacrificio e é necessaria uma graça muito poderosa para o aceitar sem fraqueza.

Ella calava-se mas os seus grandes olhos, tão bellos, se fixavam nos meus em procura d'uma resposta.

Palida e magra, o seu rosto guardava ainda um reflexo magnifico duma beleza delicada e encantadora.

Com saude, esta creança atrairia para si os olhares e, sem duvida, suscitaria admiração. Temia o perigo de ser linda.

E comprehendendo tão bem a vaidade perigosa de possuir esse bem, fragil e temivel, não era já a prova de que Nossa Senhora queria arrancar a ás misérias do mundo para guardar sem murchar a flôr d'esta virtude candida?

Agarrou-me a mão e apertando-a na sua, que ardia em febre, repetiu: não é melhor...?

Eu hesitava ainda em responder, sentindo que esta palavra só, tão dura de dizer mas necessaria, fixaria a sua resolução. Chamei a Santa Virgem em meu auxilio e, depois, comprehendendo o grande e doloroso dever, apoiei a sua linda cabeça contra o meu coração:

— Sim... sim, minha querida, é melhor...

Ella teve um ligeiro estremecimento e ouvi-lhe depois esta palavra: «obrigada.»

Foi a ultima. Duas horas depois, com os olhos fixos no crucifixo que eu tinha na sua frente, a minha doentinha de dezanove annos, dava o seu ultimo suspiro.

*
«A outra, aquella a quem um mal terrivel torturava e cujos sofrimentos exacerbados davam ao seu rosto uma expressão quasi hedionda, viu morrer a sua compaheira.

Apesar de reclamar do ceu a sua cura, resignada no entanto e confiante, tendo augmentado a sua fé naquella terrivel prova, invejava a sorte da primeira e pensava:

— Ella é feliz agora... Oh! Se eu pudesse, eu tambem... mas não, seja como e quando Deus quizer.

Renuncia sublime!

Desejava a morte mas sentia-se bastante forte e generosa para esperar a hora e fazer homenagem ao Mestre da sua heroica paciencia.

A noite foi medonha. O corpo supplicado agitava-se em sobresaltos desordenados apesar dos calmantes energeticos e do torpor inconsciente que elles causam.

«No dia seguinte, quando a levaram ás Piscinas, muitos pensavam vêr um cadaver.

— Não voltámos a vê-la viva. Deus vai levá-la.

A's dez horas, um sussurro correu pelo hospital e se converteu em alegre rumor:

— A moribunda está curada!

Quando, levada ainda sobre a maca, ella penetrou na sala, tivemos a visão estranha e desconcertante duma resurreição. Levantou-se da sua cama, olhos ainda deslumbrados, olhando o seu leito de dôr e murmurando:

— E' realmente verdade que estou curada!

Então, numa resolução vigorosa, ajoelhou-se perto da morta e levantando-se como para unir a graça da sua cura á dap redestinada, beijou, a soluçar, a testa da sua ditosa amiga, dizendo: fôste tu, fôste tu que tiveste a melhor parte.

*
«Sem nada dizer, mas atenta a esta scena comovente, a terceira, a revoltada, a que se recusava orar, conservava os olhos fixos na viva e na morta.

Deante da Gruta, ella recusára-se sempre a unir os seus prantos aos dos outros que imploravam de N. Senhora a melhor graça, o favor desconhecido, o que é mais util e que se obtem sempre.

Agora, sem saber ainda se devia maldizer a sua sorte, esquecer ou aceitar o seu amargôr, a desesperada não podia afastar os olhos das suas duas irmãs na miséria, que acabaram de ser atendidas, cada uma segundo o seu desejo.

— E eu, pensava ella na sua perturbação, que é que eu posso receber-se não pedi nada?

A «miraculada» tendo contemplado por muito tempo a sua compaheira defunta, de mãos juntas, na grande paz eterna, aproxima-se de mãos estendidas e sorridente, da desesperada dizendo:

— Ah! minha amiga... minha irmã... como eu queria que tambem tu...

Os votos da sua caridade paterna terminaram em um beijo.

O orgulho tentou ainda resistir.

— Eu! Oh! eu, eu não quero nada... a Virgem não me conhece... sou uma abandonada...

— Não há aqui abandonadas; não ha senão corações sofrendo, corações em aflicção, que a Boa Mãe sabe sempre consolar... sempre... sempre!

A obstinada quiz ainda resistir:

— E' muito tarde, diz ella sumidamente, já não espero socorro algum.

A curada protesta:

— Não, não, nunca é tarde demais. Depois, pondo a sua mão sobre a fronte humida:

— Ella é tão boa! tão boa!

Um silencio. Os olhos fechados da enferma velavam o seu pensamento. Repentinamente abriram-se brilhantes, com uma luz nova que denunciava a alegria.

E os seus labios pronunciavam lentamente:

— Então, então que seja feita a sua vontade...

(Do Echo de Lourdes de 23-VII-1926).

A Conversão de Herodes e Pilatos

Foi durante a grande revolução francesa. O caso passou-se nas costas da Bretanha, entre Pontorson e Saint-Brieuc.

Um velho lobo do mar, com cara de poucos amigos, estava deitado no seu leito e parecia sofrer enormemente.

Nisto chega um dos seus compaheiros, um outro velho barbaças, que não tinha melhor catadura. Da mesma idade, mesmos gostos, mesmo officio, tinham vivido sempre juntos sem nunca se terem separado.

Quando se via um, era certo que o outro não estava longe. De tal sorte que um empregado enviado lá pelo governador da Bretanha lhes chamou Orestes e Pilades.

Os que ouviram esta alcunha foram-na repetindo mas alterando-a.

Dentro em pouco os dois marinheiros eram conhecidos pelos nomes de Herodes e Pilatos.

Herodes adoeceu. Pilatos sacudiu na lareira a cinza do cachimbo e diz ao compaheiro: sabes que falei com o médico que te veio vêr?

— E então (perguntou o doente)?

Diz que antes de dois dias, te irão levar a carcassa ao cemiterio.

Mas, isso é verdade?

— E'. Disse elle que o quartel foi atacado e que tu vás engulir a isca.

— O' meu amigo, salva-me, replicou o moribundo a tremer. — Impossivel, diz o outro. Tens medo de morrer? Verdade é que, com a vida que tens levado, não estás grande coisa preparado para apparecer deante do Grand Almirante!... E Pilatos passejava pela casa, a passos largos, pensativo, enquanto Herodes se agita convulsivamente debaixo das mantas.

Dois bons lobos do mar, nós homens, mas dois desgraçados christãos.

Tinham sido baptisados, tinham feito a sua primeira comunhão, mas depois andaram na vida airada pelo mundo fóra, por onde deixaram a innocencia e a fé. Voltando á terra no momento da Revolução, puzeram-se á frente de alguns patiforios para aterrorisar os seus compatriotas. Os sacerdotes não estavam em maré de rosas sob tal regimen. Andavam á caça d'elles e desgraçado o que lhes caísse nas unhas!

O doente deu subitamente um grito: tenho medo, tenho medo!

— Médico de quê? — Do inferno. — Não tenhas duvida, meu pobre amigo, pelo caminho que isto leva não tardas lá, e confessa que o mereces-te bem.

— Oh meu amigo, tem dó de mim...

— Mas que queres tu que eu faça (diz Pilatos encolhendo os hombros)?

Faz vir aqui um sacerdote, replicou Herodes arquejante, de olhos esbugalhados...

Pilatos parou a contempla-lo... O seu olhar exprime a piedade, a ironia, a admiração...

Um padre, dizes tu, mas onde queres que eu vá pescar o?

— Vae me procurar o Sr. Reitor. Mas não te lembras que o entregámos ás autoridades e que foi guilhotinado?

— E' verdade, diz o moribundo, palido de terror.

— Então chama o Sr. Vigario! — Foi fusilado — Ah! meu Deus, já me não lembrava. Fui eu que o denunciei aos assassinos.

— Chama o Sr. Reitor de Pontorson. — Fizestel-o deportar para Cayena...

O doente contorce-se de desespero sobre o leito... Dá gritos como uma fera, estende os braços como que para repelir um inimigo invisível.

— Oh! meu amigo, tem dó de mim. Diz-me se é possível obter perdão.

— Que queres tu que eu te diga? Eu sou um desgraçado como tu e não tarda que me vá juntar contigo em casa do diabo. Não temos mais que resignarmo-nos.

— Olha, vae para lá tu á tua vontade, se te apetece. Eu é que não posso resignar-me com a ideia de sofrer eternamente. Estou a pensar naquella religioso expulso do seu convento e que se refugiou na quinta do Moinho Grande e pede-lhe que me venha vêr.

— O mal faz-te perder a memoria! Ha quinze dias que nós o encontramos disfarçado em guarda fiscal. Não podia escapar-se. — Dêste-lhe uma paulada e atirastel-o ao mar. Pobre homem! Estou ainda a ouvir os seus gritos lancinantes. Lá o deixámos a debater-se nas ondas. Que grandes canalhas que nós somos!...

Herodes tremia... Era medonho olhar para ele, os dentes batiam e os cabelos hirtos na cabeça...

De repente abre-se a porta. O moribundo olha... e os seus olhos exprimem um terror immenso.

O proprio Pilatos recua espantado. O religioso (diz elle) a nossa ultima victima!

Não tenham medo, replicou esta; Não venho vingar-me. No outro dia a Santissima Virgem enviou-me um salvador na pessoa de um bravo marinheiro. Soube que um de vós estava muito doente e aqui estou. Quereis lavar a vossa alma por uma boa confissão, antes de apparecer deante de Deus?...

Herodes chorava... Fez o que tinha a fazer. Narrou aquelle que elle quiz matar, as vilanias da sua vida miseravel e recebeu o perdão.

Quando acabou estava transfigurado.

— Agora tu, diz elle a Pilatos,

avia-te e aproveita a occasião. Hoje tens saude, mas quem sabe se amanhã não estarás como eu á beira da cova?

Pilatos tinha sido bem sacudido e agitado para poder resistir. Joelhou aos pés do sacerdote e reconciliou-se com Deus...

Meus bons amigos, lhes disse o sacerdote depois de terminada a sua tarefa, tendes cometido muitos crimes mas, com certeza, tendes tambem feito alguma acção meritoria que vos ajudou a obter a misericórdia de Deus...

Os dois homens entreolharam-se... porque se teem alguma acção boa pela vida fóra, não se lembram.

Subitamente Pilatos bate na testa:

— Diz bem, Padre, diz ele. Por mais descrentes que fossemos, temos, no entanto, tido sempre um certo respeito pela Santissima Virgem. Nunca a insultámos e até, de tempos a tempos lhe dirigiamos qualquer oração, restos ainda da nossa infancia... Alem d'isso, ajuntou ele em ar misterioso e abrindo um velho bahú: olhe.

— Mas, diz o sacerdote cheio de surpresa, isso é a imagem de Nossa Senhora das Ondas, da capela da Rocha Negra! Pensava-se que tivesse sido destruida.

— Efectivamente quizeram queimá-la mas nós salvamol a.

Emquanto o meu camarada foi pagar uma pinga á malta, eu levei a imagem e ell-a aqui.

— E esta boa Mãe pagou-vos beneficio com beneficio.

Sede-lhe reconhecidos.

* * *

No dia seguinte dizia-se Missa no quarto de Herodes a que Pilatos ajudava, mais os menos liturgicamente.

Sobre uma mesa que servia de altar, Nossa Senhora das Ondas presidia á festa. A' noite a alma de Herodes tinha partido para o paraizo.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	49 527:600
Impressão do num. 47 (30:000 exemplares)	690:000
Expediente e outras despesas	415:000
80 resmas de papel	3 904:000
Soma	54 536:600

Subscrição

(Dezembro de 1925 a Janeiro de 1926)

D. Maria do S. Paiva, 10:000; D. Maria da C. Santos, 10:000; Joaquim Beja, 10:000; D. Deolinda Charters, 10:000; D. Rosa Silva Pereira dos Santos, 15:000; Maximiano A. dos Remedios, 15:000; D. Maria da Gloria Ribeiro d'Almeida Paes, 10:000; Antonio Alves Pequito, 10:000; D. Maria Rosa Ataide, 10:000; José Pereira Cardoso, 10:000; D. Joaquina Preto Chagas, 10:000; D. Delina de Jesus Venancio, 10:000; Joaquim Urbano, 10:000; D. Maria Alice de Sampaio Ribeiro, 10:000; D. Dulce de Mattos, 10:000; D. Maria Branca d'Abreu Coutinho, 10:000; D. Judith da Silva Lopes, 10:000; D. Maria Correia, 10:000; D. Herminia Nunes de Carvalho, 10:000; D. Maria de Jesus Ribeiro, 10:000; D. Anna de Jesus Luna, 10:000; Antonio Ferreira Soeiro, 10:000; D. Anna Fernandes Potes, 10:000; Comendador Vilas Boas, 10:000; D. Maria Alice

Figueira da Silva, 10:000; D. Emilia Correia, 10:000; D. Henriqueta Duarte, 10:000; Padre João d'Oliveira e Souza, 10:000; D. Julia Rainha, 10:000; Francisco Carlos Alves, 10:000; — De jornaes (Salvaterra e Coruche), 8:500; Leonidio Ribeiro da Costa Santos, 10:000; Manuel Rodrigues Piedade, 20:000; D. Maria Carlota Mates M. de Mancelos Aragão, 10:000; D. Clementina Augusta da Costa, 10:000; Antonio José Pinto, 10:000; Duarte da Costa Teixeira, 10:000; D. Rufina Maria Saventi, 10:000; D. Maria Eugenia Biscaia Relvas, 10:000; D. Margarida Lopes, 10:000; Dr. Joaquim Alves Martins, 10:000; Justina da Nazaré, 10:000; D. Maria das Mercês de Bianchi Coelho Borges, 10:000; D. Eugénia de Vasconcelos Peixoto, 10:000; D. Maria Amelia dos Santos, 10:000; D. Maria Filomena Ribeiro Falcão, 10:000; Roberto dos Santos Carvalho, 10:000; D. Ignacia Soares Gomes, 10:000; Antonio Rodrigues da Bela, 10:000; D. Virginia Matias Serra Campos, 10:000; D. Maria Pereira Lapa, 10:000; Julio Faustino, 10:000; D. Maria Emilia Rangel, 10:000; D. Emilia D. Delgado Torres, 10:000; D. Maria Emilia da Silva Pereira, 10:000; Augusto da Conceição Macedo, 10:000; D. Idalina Rosa da Silva Barros, 10:000; D. Maria Saturnina Moirelles Barriga, 20:000; D. Maria José Tioco Borges, 10:000; D. Emilia Pizarro de Portocarreiro, 10:000; D. Maria José S. Pestana Leão, 10:000; Irmã Maria Tereza de S. José Pestana, 10:000; D. Carolina de Mello e Faro, 10:000; D. Deolinda Coutinho Lobo Alves, 10:000; D. Maria Natario Barata Valerio, 10:000; Carlos da Cunha Gomes, 10:000; D. Trindade Pereira Leitão, 10:000; D. Zulmira Roma Torres, 10:000; Avelino Cerqueira Marques, 10:000; Tenente Manuel Passos Martins, 10:000; P. Domingos Borlido, 10:000; D. Serafina Antunes e Sofia das Neves, 10:000; Antonio Dias Falgueiro, 10:000; D. Ermelinda Carneiro Leão, 10:000; D. Natalia dos Santos, 10:000; D. Rosa Nogueira de Castro, 10:000; D. Claudina de Souza Sampaio, 10:000; Manuel Martins Moreira Paiva, 50:000; D. Annette Traga Lamares, 5:000; José da Fonseca Souza Andrade, 10:000; D. Margueritte Leguin, 20:000; D. Maria de Jesus d'Oliveira Lobo, 10:000; Joaquim da Silva Carvalho Junior, 10:000; Filipe d'Almeida Ramos, 10:000; Pedro Garcia Rodrigues, 10:000; Manuel Marques Morgado, 10:000; D. Marianna Pires, 10:000; D. Maria da Graça Messias, 10:000; João dos Santos, 20:000; Eduardo da Camara Carvalho e Silva, 10:000; Conego José Augusto Pereira, 10:000; D. Maria Eugénia Ferreira Verissimo, 10:000; Manuel Pereira Dias, 10:000; D. Maria Celestina Alves Machado d'Oliveira, 20:000; Antonio Vieira da Cunha, 10:000; D. Beatriz Vasconcelos e Santos, 10:000; D. Margarida Ventura Ruivo, 10:000; D. Gertrudes Maria Fernandes, 10:000; D. Maria Filipa da Veiga Menezes, 20:000; Vieira & Filhos (Brazil), 20:000; D. Herminia Branco Teixeira de Lencastre, 15:000; D. Maria Angelica d'Almeida, 10:000; D. Maria de Jesus Pinto, 10:000; D. Lucinda Caratão Soromenho, 10:000; D. Perpétua Furtado Pereira dos Reis, 10:000; Maria e Joaquina Diniz Henriques, 10:000; João Mendes Abranches, 10:000; D. Maria Eduardo Vasques da Cunha, 10:000; D. Maria José Ribeiro e Carmo, 10:000; D. Maria Eulalia Mendes Barata, 10:000; D. Efigénia da Costa Pinto, 10:000; D. Delmira da Cruz Souza, 10:000.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.